



COMPREENSÃO DE TEMPO E ESPAÇO NA FRONTEIRA¹: IDENTIDADES CULTURAIS E FRAGMENTAÇÃO DO TERRITÓRIO

Geórgia Lima²

Márcio Roberto Vieira Cavalcante³

O foco deste artigo é pensar uma compreensão “tempo” e “espaço” na fronteira, a partir da problemática das identidades culturais e da fragmentação do território enfatizando a encruzilhada sociocultural que marca as fronteiras nacionais amazônicas interamericanas entre o estabelecido e o vivido.

Palavras Chaves: Tempo, Espaço e Território.

Em um mundo globalizado, quando se modificam, transformam, recriam ou anulam fronteiras reais e imaginárias, os indivíduos movem-se em todas as direções, mudam de país, trocam o local pelo global, diversificam seus horizontes, pluralizam as suas identidades (IANNI, 2004).

O espaço na fronteira é parte de uma produção. Produzido historicamente, esse espaço é participante de um conjunto de relações políticas,

¹ Neste trabalho, levando em consideração a rica gama de significados da fronteira, partimos de três possíveis acepções para o conceito. Serão articuladas as noções de *Fronteira Política*, *Fronteira Econômica* e *Fronteira Cultural (ou social)* para construirmos uma melhor compreensão da região que delimita os limites entre Brasil, Bolívia e Peru e de seus processos atuais. A intenção desse trabalho é de consolidar o diálogo com o referencial teórico (metodológico) disponível sobre a questão.

² Professora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre - UFAC. Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo-USP. e-mail geo833@gmail.com.

³ Professor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre – UFAC. Mestres em História... pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. e-mail marcio



econômicas, sociais, simbólicas, culturais e de poder, mas também espiritual e psicológica. Nesta perspectiva o espaço não pode ser pensado como algo dado. Em se tratando de uma fronteira territorial, o marco que pretende determinar o limite político entre Estados – que na maioria das vezes está associado a aspectos naturais da região – é fruto de convenções políticas, culturais, étnicas entre outras. "*As fronteiras, mesmo as chamadas naturais, são resultado de convenções (bilaterais) ou de imposição (unilateral)*" (SIERGER APUD BACKHEUSER, 1952) e um atributo do "princípio de divisão do mundo social" (BOURDIER, 1989)

Esse pretense limite que separa brasileiros, bolivianos e peruanos – e no interior destes, índios, pobres, migrantes, deslocados – não é somente o estabelecido pelas convenções políticas. É, sobretudo, um limite construído a partir de relações de poder, que originam outras relações contiguas, relacionais, mas também desiguais e conflituosas – a xenofobia, o preconceito e os nacionalismos são suas melhores traduções. Relações de poder – sobretudo de dependência e subordinação, como mostra Hall (2005) – sustentadas por uma forma contemporânea de colonialismo. Esse *espaço limite*, ou como mostra Benedict Anderson⁴ essa *comunidade imaginada* (apud Hall, 2005), é produção e produto das relações as mais diversas, é *reflexo* do intercâmbio que mulheres e homens constroem entre si. Relações que definem, no próprio *fazer-se*, uma identidade com o território e o transito no fluxo de pessoas na fronteira.

A produção do espaço é condicionada por esse movimento, ou seja, se constitui como "*um lugar praticado*"; como algo presente em múltiplas invenções do cotidiano⁵. São as ações, as vivências de homens e mulheres que manifestam a construção daquilo que compreendemos por espaço.

⁴ A discussão proposta pode ser encontrada em "Anderson, Benedict. Comunidades imaginadas. Londres: Verso, 1983".

⁵ Discussão proposta por Michel de Certeau em sua obra "A Invenção do Cotidiano: artes do fazer" de 1994. Segundo o autor, os múltiplos usos que os diferentes sujeitos sociais estabelecem em relação ao espaço habitado são norteados e regidos por valores e normas

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

“No espaço e no tempo as sociedades se articulam e se organizam de formas diferenciadas, no espaço, elas se inscrevem criando lugares singulares, produtos de desenvolvimentos e processos sociais desiguais. No tempo, observam-se processos de desenvolvimento das sociedades, às vezes sucessivos e sincrônicos, outras vezes em descompasso em relação ao espaço e sociedades globais” (LUCHIARI, 1996 apud ALBUQUERQUE, 2001).

Como o espaço, também o tempo, não existe em si, não é nem um dado objetivo, nem uma estrutura *a priori* do espírito⁶. O tempo é antes de tudo um símbolo social, resultado de um longo processo de aprendizagem. *“Quando não me perguntam sobre o tempo, sei o que ele é”, dizia um ancião cheio de sabedoria. ‘Quando me perguntam, não sei’*” (ELIAS, 1989: 11), essa assertiva nos possibilita entender os processos sociais desiguais e os descompassos do espaço e do tempo constituído em redes de subjetividades onde as temporalidades múltiplas se articulam para dar sentido às experiências sociais dos sujeitos nos trânsitos do vivido.

Assim, o tempo na fronteira não se deixa guardar comodamente em gavetas, ou ser medido por meio de instrumentos, em razão da mobilidade expressa na ideia de fronteira transitória. Esse espaço mostra que o tempo não é, muito menos, *“uma corda que se possa medir nó em nó”*. Talvez essa categoria se aproxime ao que o poeta Saramago estabelece, *“uma superfície oblíqua e ondulante que só a memória é capaz de fazer mover e aproximar”* (SARAMAGO, 1991: 168). HAVEY corrobora com essa perspectiva ao nos convidar a

“...contestar a ideia de um sentido único e objetivo de tempo e espaço com base no qual possamos medir a diversidade de concepções e percepções humanas...”

próprias do grupo em questão. Isso, segundo ele, é o que garante a liberdade das “culturas ordinárias” em construírem seus próprios percursos e trajetórias.

⁶ Ver KANT em crítica da razão pura.



insisto em que reconheçamos a multiplicidade das qualidades ob-subjetivas que o espaço e o tempo podem exprimir e o papel das práticas humanas em sua construção” (HAVEY, 1989. P,189)

Nesse sentido, o tempo, como o espaço, não existe dissociado de uma significativa estrutura social e cultural que lhe atribui sentido e valor. Estrutura que em seu processo de produção se apropria dos territórios. Os sujeitos vão tecendo suas próprias identidades culturais nessa relação com o *lugar*⁷. Nesse processo vão produzindo o *território*⁸ como resultado da vivência e sobrevivência de uma infinidade e pluralidade de grupos humanos que compartilham o que ficou conhecido por cultura nacional. No entanto, que estabelecem diferenças interligadas que distingue cada um dos grupos sociais através de seu *comportamento*, e, mas fundamentalmente com a relação que estabelecem com suas *diferenças* (BARTH, 2000). As concepções do tempo e do espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem a reprodução da vida social (HAVEY, 1989). De acordo com esse entendimento, a materialidade:

“do tempo e do espaço advém de práticas materiais de reprodução social; e, na medida em que estas podem variar geográfica e historicamente, verifica-se que o tempo social e o espaço social são construídos diferentemente.

⁷ Lugar, referente a “Lugar Antropológico”, que designa, segundo Marc Auge em Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade, uma construção concreta e simbólica do espaço, como espaço “existencial”, lugar de uma experiência de relação com o mundo de um ser essencialmente situado “em relação com o meio”.

⁸ O conceito de território vincula-se ao conceito de territorialidade que foi definido em 1920 por um ornitólogo inglês, H. E. Howard, como sendo a conduta característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e defendê-lo contra os membros de sua própria espécie. E. Hall atualiza a discussão através do conceito de “proxemics” ou proxemia, um refinamento da territorialidade animal, que define uma espécie de envoltório ou bolha invisível que delimita espaços individuais, atuando como uma linguagem silenciosa, acompanhando os indivíduos como “territórios” portáteis pessoais e cujo limite varia segundo a percepção e uso do espaço enquanto um componente cultural especializado.



Em suma, cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço” (HAVEY, 1989. P, 1989).

As diversas *culturas de fronteira*⁹ constroem através de sua apropriação dos espaços suas próprias fronteiras territoriais. Essas fronteiras mesclam no vivido as fronteiras étnicas as quais canalizam a vida social. Elas pressupõem uma organização extremamente complexa do comportamento e das relações sociais dos grupos inter-relacional. A vida social, que se *faz* cotidianamente nesses lugares, está ordenada ao longo de escalas de tempo e espaço por continuidade e descontinuidade no âmbito do vivido.

As escalas de tempo aqui referidas devem ser entendidas como as coordenadas básicas de um sistema de organização e representação do mundo vivido. *“O espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana”* (HARVEY, 1989. p,188) por serem elementos que se articulam entre em si estabelecem uma relação de proximidade ou de distanciamento com a memória dos sujeitos em sua perspectiva subjetiva de posicionar-se diante da vida.

Contudo, os espaços-tempos na fronteira são alvos de constantes *diásporas*. Cotidianamente esse espaço-tempo limite é transporto, posto ao chão pelas mesmas relações que o constroem, trabalhando no sentido de sua desconstrução permanente. Espaço-tempo construído / desconstruído por relações étnicas, sociais, políticas, econômicos de três culturas nacionais,

⁹ O sociólogo Boaventura de Sousa Santos partindo de um estudo do estatuto identitário da cultura portuguesa, e estabelecendo relações dessa discussão com o caso brasileiro e africano, constrói uma significativa compreensão do conceito de “Culturas de Fronteiras”. O autor parte da hipótese de que a cultura portuguesa não tem conteúdo. Tem apenas forma, e essa forma é a fronteira, ou a zona fronteira. Segundo ele, a cultura portuguesa, assim como a brasileira e africana, nunca conseguiram se diferenciar totalmente perante culturas exteriores. Por outro lado, as culturas em questão sempre mantiveram uma enorme heterogeneidade interna. Essa situação de fronteira, segundo Boaventura (2003), confere as culturas citadas um enorme cosmopolitismo. Segundo ele, a zona fronteira é uma zona híbrida, babélica, onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias pouco susceptíveis de globalização. Em tal zona, são imensas as possibilidades de identificação e criação cultural.



fazendo manifestar dezenas de culturas étnicas, centenas de culturas de fronteira.

Essa *unidade de des-unidade*, possível de ser constatado na fronteira tripartite Brasil-Peru-Bolívia, em parte, produzida por um momento “*de aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância*” (HALL, 2005: 68).

Esse processo, que alguns autores costumam chamar de *globalização*, pressupõe uma significativa moldagem e remoldagem de relações de espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação, traduzidos em forma de efeitos sobre a forma como as identidades são localizadas¹⁰. Por outro lado, ela também é causada pela recusa histórica das culturas de fronteira de serem perfeitamente enquadradas dentro das fronteiras nacionais, desta forma transgridem os limites políticos se defrontando com outros limites, sobretudo os culturais, como o manifestado pelos sujeitos em transito.

Com o *movimento diaspórico*¹¹ ocorre com as escalas de tempo e espaço na fronteira um intenso processo de mudança estrutural e estruturante¹², o que

¹⁰ A discussão aqui trabalhada parte de instigantes reflexões produzidas por Stuart Hall em “Identidade Cultural na Pós-Modernidade”. Sua reflexão parte de algumas questões fundamentais como, “As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural fruto da globalização?”, “As identidades nacionais e outras identidades ‘locais’ ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência a globalização?”, “As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar”, entre outras. As questões ora levantadas são norteadoras para as reflexões aqui apresentadas.

¹¹ O autor Stuart Hall em sua obra “Da Diáspora: identidades e mediações culturais” vêm fazendo significativas contribuições teóricas ao abordar identidades caribenhas diaspóricas sob as condições contemporâneas de globalização. Nesse sentido, pensar o movimento diaspórico, segundo o autor, é percebê-lo como desagregador que em um processo dinâmico dispersa culturas e identidades. Ou como mostra o próprio autor “*o conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora*”.



Harvey (1989) chama de *destruição do espaço através do tempo*. Processo que estabelece importantes transformações do tempo e do espaço, que fragmenta não só as *fronteiras territoriais legais*, mas também, em proporção semelhante transforma e reordena as *fronteiras culturais*. Hall (2005) chama atenção que esse reordenamento e as transformações que acontecem à medida que ocorrem transformações no espaço e no tempo são responsáveis pelo *desalojamento do sistema social* dos diferentes grupos que são submetidos a esse movimento diaspórico, ocasionando um processo de *des-territorialização*¹³.

O *desalojamento do sistema social* extrai as relações sociais, fundadas em escalas de tempo e espaço *fixas*, dos contextos locais de interação em que acontecem, e implementa a reestruturação destas ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo¹⁴. Essa transformação é responsável pelo processo de mudança cultural de diferentes grupos. Suas identidades que se localizavam no espaço e tempo simbólicos se fragmentam e pluralizam em um processo onde a condição humana desses grupos se funda em uma dimensão de complexidade nunca antes alcançada.

Analisando as representações simbólicas que a fronteira triparte em pleno chão amazônico se percebe que a visão fragmentada em razão da ideia nacional que institui os culturais antagônicos de cultura colonial portuguesa e espanhola os sujeitos ali radicados sob o universo latino-amazônico evidenciam compartilhamentos implicando uma visão do território de fronteira a partir dos interstícios crivados nas relações sociais estabelecidas de sociabilidades.

¹² Estruturante na medida em que o movimento diaspórico exerce pressões sobre o sistema das relações sociais dos diferentes grupos que o exercem, forçando-os a um processo de adaptação de suas formas de viver ao novo cenário que se impõe.

¹³ A noção de des-territorialização é entendida como a perda do território apropriado e vivido em razão de diferentes processos derivados de contradições capazes de desfazerem o território. Esse processo é acompanhado pela construção de novas territorialidades que por sua vez, dizem respeito à criação de novos territórios através da reconstrução parcial de velhos territórios.

¹⁴ Discussão proposta em "HALL, Stuart. Identidade cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005".



Nesses sentido, o universo latino-amazônico manifesta-se no transito de uma modernidade como retrata Anthony Gibbens (1991) conexa e desconexa no espaço social e plural do vivido que representa a antiga relação entre centro e periferia. Gibbens nos convida a perceber que:

A modernidade separa, cada vez mais, o espaço do lugar, ao reforça relações entre outros que estão “ausentes”, distantes, de qualquer interação face-a-face. Nas condições da modernidade..., os locais são inteiramente penetrado e moldados por influências sociais bastantes distantes dele. O que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza¹⁵.

Esse processo amplia simbolicamente a fronteira jurídica para além dos limites do *Estado-Nação* e redefine territórios historicamente constituídos, estabelecendo novas fronteiras no âmbito da vida cotidiana de homens e mulheres; além de promover mudanças e transformações nos modos de vida e nas relações sociais; redefinição que ocorre em meio a um processo conflituoso de reordenamento dos usos dos espaços-tempos e das diversas identidades culturais¹⁶.

Desta forma, o construto das sociedades nacionais representadas no universo tripartite latino-amazônico se manifesta nos ideários nacionalistas que usufruem na ordem dos acontecimentos históricos desde a formação da ideia de nação a partir de 1780, mas neste inicio de século sinalizam e contribuem para uma nova roupagem de espaço-tempo em relação às fronteiras nacionais.

¹⁵ GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991. p. 27.

¹⁶ A partir das leituras de Boaventura de Souza Santos em “**Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**” posso afirmar que as identidades culturais nesses contextos de reordenamento (e após deles) passam a não serem rígidas. Segundo o autor, são resultados sempre transitórios e fugazes de procedimentos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas escondem “*negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação*” (SANTOS, 2003:135). Ou em termos mais claros, “*Identidades são, pois, identificações em curso*” (*idem*). Essa compreensão corrobora com as reflexões feitas por Hall (2005).



As relações visíveis no campo relacional nacionalistas são evidenciadas nas políticas de Estado que nesta região simbolizando uma perspectiva de integração regional de fronteiras econômicas em combinação com as decisões dos centros de unidade de poder dos grupos estabelecidos na ordem dos Estados Nacionais. Mas, também, a marca de uma rede de sociabilidade transgressora de fronteiras múltiplas onde é possível perceber uma territorialidade mesclada por um construto sociocultural que ora se posiciona alinhado com aos discursos de centro (nacionalistas) ora numa perspectiva local que sinaliza a construções de negociações e renegociação de redes sociais fixas e temporárias.

Nesse sentido, o universo triparte latino-amazônico pode evidenciar múltiplas escalas tempo-espço entre o vivido e o estabelecido nesta fronteira. Enquanto, representação do nacionalismo e território a região Madre de Dios – Acre – Pando se instituem no complexo patrimônio das nações que representam Peru – Brasil – Bolívia sua base material, o território, a partir desta o tempo-espço é estabelecido pelo jogo da nacionalidade e todas as outras condições são pensadas na medida de suas possibilidades e meio de defesa de seu patrimônio. Por outro, a rede de sociabilidades que articulam elementos dos fazeres de um construto social local, no espaço-tempo do vivido, ainda se subdivide em múltiplas culturas no interior daquele local em razão dos grupos que ali interagem e do movimento diaspórico presente neste universo tri-amazônico.

Se considerarmos como preconiza Boaventura Santos (19) e Hall (2005) que a globalização provocou um tipo diferente de mudança estrutural e, particularmente, a partir do segundo quartel do século XX vem transformando as sociedades modernas no âmbito socioeconômico, bem como, fragmentando as diversas paisagens culturais possibilitando o surgimento de novas e multifacetadas identidades culturais.



Assim, partindo dessa noção de reconstrução identitária permanente que se torna possível reconstruir trajetórias históricas de três grupos que vêm transitando no chão latino-amazônico da região fronteira do Brasil – Peru – Bolívia desde a segunda metade do século XX. E estas trajetórias dialogam com múltiplas temporalidades e territorialidades Amazônicas contíguas, desiguais e conflituosas; mas também, continuas e singulares.

Leandro Tocantins e Craveiro Costa ao comporem seus trabalhos acerca da construção da territorialidade amazônica no âmbito das fronteiras sinalizam a expressiva presença de exploradores brasileiros desta parte região “desde os princípios do século XVII, a margem direita do Solimões, dominando o curso inferior do Juruá e do Purus e dos países vizinhos ninguém se aventurara a fazer sequer uma exploração na parte alta desses caudais”. (Tocantins, 1979, p.327). Souza (2006) evidencia a presença de peruanos e bolivianos como caucheiros e comunidades indígenas.

Nesta perspectiva a identidade de território que se amolda neste discurso de construção nacionalista dimensiona a exploração brasileira para além-fronteiras em contraste com a não presença de nacionais dos países vizinhos, vazio territorial se constituiu como uma marca de uma territorialidade seringalista brasileira, mas também, boliviana (Lima, 2002).

Samuel Benchimol (1984) identificou esses homens em suas aventuras além-fronteira como fugitivos da seca dos sertões nordestinos e Abiguar de Barros (2005) analisando o construto social que se estabelece na região Amazônica Sul-Occidental constitui a identidade desses sujeitos de acrianos. Enquanto, José Martins (1997) considerando o processo de desenraizamento de trabalhadores brasileiros em diferente tempo-espaco constituiu a identidade dos desenraizados.

Em 1995 o antropólogo Alfredo Wagner diante do fenômeno da relativização das fronteiras como resultado da contextualização dos conflitos



agrários brasileiros na década de 1980, apresenta um quadro de identidades constituídas no conflito: “Brajolas”, “Brazuelanos”, “Brasivianos” e os “Brasiguais”.

Diante dos diferentes momentos as identidades constituídas no conflito possibilitam discutir o pensamento de Boaventura Santos (2003), que afirma serem estas resultados sempre transitórios e fugazes de procedimentos de identificação. Mesmo as identidades, aparentemente, mais sólidas escondem “*negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação*” (SANTOS, 2003:135).

Assim, ao tomar como por chave de análise uma das identidades, neste caso os brasivianos, aqui apresentadas nas várias fases do movimento diaspórico inscrito no universo das fronteiras brasileiras, particularmente, latino-amazônico permite deslocar o território enquanto unidade fixa para constituir tempo-espaço no influxo das identidades culturais e fragmentação do território.

Ao pensar o termo “brasivianos” como uma chave de análise que permite perceber o uso e consumo realizado por trabalhadores brasileiros da fronteira fixa entre Brasil e Bolívia, instituída desde 1902¹⁷, bem como, as estratégias e táticas produzidas no cotidiano destes sujeitos sociais.

Entretanto, torna-se significativo pensar que ao compreender a “travessia”, a “relativização” e o “conflito” além-fronteiras nos diversos momentos a partir da ideia de “trajetória” nos permite evocar o movimento dos “brasivianos”, mas, pensamos que a estratégia e a tática¹⁸ permitem dar sentido a constituição de uma tríade: cultura - fronteira – identidade nessa região

¹⁷ Ler Tratado de Petrópolis em Leandro Tocantins, Formação Histórica do Acre, Vol II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979 p. 253 a 294.

¹⁸ Recomenda-se a leitura de Michael de Certeau, chamo de “estratégia” o cálculo das relações das forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”... A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. Denomino, ao contrário “tática” um cálculo que não poder contar com um próprio, nem em uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o outro. (1998, p 46)



fronteira da Amazônia interamericana, ao mesmo tempo em que rompe com a ideia desses conceitos quando visto de forma isolada formando uma unidade nacionalista. Isso implica pensar que o “mito [nacionalista] queria relatar, denominar, dizer a origem, mas também expor, fixar, explicar” (Horkheimer e Adorno, 1995, p. 23) sendo neste contexto questionado em razão de uma ação socialmente constituída na zona Amazônica interamericana.

Enquanto, a estratégia do deslocamento desse grupo possibilita articular o sujeito ao lugar, como um “próprio” que circunscreve sua posição e é capaz de servir de base de uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta e a tática ao contrário pelo seu não– lugar depende do tempo (Certeau, 1998:46).

Assim, tomada como chave de análise os “brasivianos” ao circunscrever-se em território boliviano e articular sua experiência de vida com outros grupos e bolivianos presentes¹⁹ nos interstícios dos rios Abunã e Acre, nos permite pensar nas margens do espaço/tempo nesta fronteira e articular as questões de “cultura”, “fronteira” e “identidade” para além das questões nacionalistas e atravessa todo um discurso constituído desses conceitos como atributos de nacionalidade num contínuo jogo de ambiguidades.

A estratégia da travessia dos rios Abunã e Acre se constitui neste cenário como o espaço, a territorialidade brasiviana²⁰ em pleno território boliviano. Enquanto, o pagamento da estrangeira, casamento intercultural, registro de filhos e netos, o entendimento do espanhol pela convivência que acabou por gerar o chamado portunhol como uma língua identificada de fronteira, bem como, a permanência clandestina na zona de segurança nacional boliviana; são elementos que configuram as táticas desenvolvidas nas experiências desses sujeitos em seus cotidianos na fronteira.

¹⁹ Relatório da OIM/2009 revela a presença de brasileiros, peruanos e bolivianos na faixa de fronteira.

²⁰ Pensamos que denuncia uma fragmentação de todo tipo de fronteira e a crise da territorialidade dominante, a do Estado nação de acordo com os postulados de Rogério Haesbaert, “O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade”. (2004)



Assim, se busca nas práticas cotidianas e nas maneiras de fazer dos sujeitos uma possibilidade de romper o discurso estético do nacionalismo que promulga os conceitos de cultura, fronteira e identidade como um construto societal homogêneo. Uma vez que pensamos os “brasivianos” como uma chave de análise que evidencia as margens, os interstícios, criando uma fenda, uma contradição deste tripé nacionalista sem, contudo, romper com a base material da produção, o território.

Dessa forma, considerarmos a tática como essa instancia do não-lugar mas evidenciada na temporalidade conflitante do vivido. Nesse sentido, o tempo analisado por Michel de Certeau, é uma prática de “captar o voo” que conspira o jogo de forças entre fracos e fortes onde cambiam elementos heterógenos.

Nesse sentido, é possível evidenciar no tempo dos conflitos as fragmentações socioculturais tanto na dinâmica de sua base material quando psicológica e espiritual, tornando possível a nosso turno expor o tempo dos conflitos como uma forma de explicar a fronteira da Amazônia interamericana não mais como uma unidade fixa, mas, como espaço que também articula estratégias e fazeres de cotidianos multifacetados.

Portanto, importa assim “captar no voo”; a “ocasiões” e o “momento oportuno”. A tática apresentada pelos brasivianos deflagra a ideia de espaço/tempo constituído como o tempo da ocasião (Certeau, 1998:47), mas, também o tempo do conflito (Viotti, 1998:23).

BIBLIOGRAFIA

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. **Exportações das Tensões Sociais na Amazônia; Brasileiros, brasuelanos e brajolas – Identidades construídas no conflito.** *Travessia* – Revista do Migrante. CEM, ano VIII, nº 21, janeiro-abril. São Paulo, 1995, p. 28-36.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares:** Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas, SP: Papiirus, 1994. (Coleção Travessia do Século)

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras vocações antropológicas.** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria. 2000.

BOURDIEU, Pierre. **O Desencantamento do Mundo:** Estruturas Econômicas e Estruturas Temporais. São Paulo, SP: Ed. Perspectiva, 1994.

CERTEAU, Michael. **A invenção do cotidiano, Artes de Fazer.** Vol. 1 Petrópolis, Vozes, 10ed. 2011;

COSTA, Emilia Viotti da. **Coroas de glória, lagrima de sangue: a rebelião dos escravos de Demerara em 1823.** Companhia das Letras, Rj, 1989.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Tradução: Vera Ribeiro – Rio der Janeiro: Jorge Zahar ed. 1998.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991. p. 27.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna:** uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola. 1989

HORKHEIMER, M e ADORNO. T. **A dialética do Esclarecimento: Fragmentos filosóficos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

IANNI, Octavio. **Nação:** província da sociedade global. In Território: Globalização e Fragmentação. Editora Hucitec / ANPUR, São Paulo, 2004. p. 82

LEFEBRE, Henry. **Espacio e Política.** Barcelona: Ediciones Península, 1976.

LUCHIARI, Maria Tereza, “**A Categoria Espaço na Teoria Social**”, In: Temáticas, publicação semestral dos pós-graduandos em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, ano 4, n.7, 1º semestre de 1996.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

_____. **Técnica, Espaço, Tempo:** Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Globalização e as ciências sociais.** – 2. ed. – São Paulo – Cortez, 2002.

_____. **Pela Mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade – 9. ed. – São Paulo: Cortez, 2003

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**: romance / José Saramago. – São Paulo: Companhia das Letras, 1991.